Marcas sutilmente preconceituosas em discursos sobre preconceito

Gabriel Silveira Pereira[1]
Cristina Maria de Oliveira[2]

O presente resumo refere-se a um estudo investigativo desenvolvido na disciplina de Análise do Discurso. O objetivo foi compreender sobre as sutilezas presentes em discursos sobre preconceitos raciais, que acabam por se mostrar, em determinados casos, como extremamente preconceituosos, devido a termos explicitados ou a ideias presentes nas entrelinhas. Através do estudo, analisaram-se discursos sobre preconceito em busca das informações e pontos de vista veiculados, observando sempre as possíveis contradições de concepções dos sujeitos informantes. Muitas vezes, as presenças das sutilezas preconceituosas expressadas no discurso acabam por, até mesmo, passarem despercebidas por leitores e/ou ouvintes menos atentos. Segundo alguns estudos prévios analisados, o preconceito pode se configurar num sentimento gerado por algum fato vivido no passado, o que vem a emergir e a transparecer em situações atuais semelhantes. Em relação, por exemplo, ao preconceito racial, conforme afirma Nunes (2010, p. 50), “O preconceito contra negros e mestiços pelo desenvolvimento dos fatos históricos (o culturalismo, o pós-guerra etc.) não é mais tão claramente assumido como no começo do século passado, mas não deixou de existir.” Para analisar essa e outras afirmações, seguiu-se a metodologia de pesquisa bibliográfica e documental; alguns discursos sociais pautados em ideais em defesa de igualdade ou, simplesmente, em discursos sobre determinados tipos de preconceitos que, de certa forma, acabaram por demonstrar reflexões e marcas preconceituosas, coletados na mídia jornalística, formaram o corpus de dados. Segundo Machado (2010, p. 65), “É comum no Brasil falas do tipo "você não é negro, é mais claro que eu, só tem o cabelo enrolado" ou ainda "eu sou assim

[1] Graduando do curso de Licenciatura em Letras – UNICNEC.
[2] Professora orientadora – UNICNEC.

moreninha porque meu bisavô era negro, foi pego no laço". Pode-se constatar que discursos como esses, exemplificados pela autora, e outros tantos que contêm concepções de preconceito são frequentes no cotidiano, sendo veiculados nas mais diversas situações comunicativas. Ainda, é importante ressaltar que os efeitos do preconceito sutil ou velado não são minimizados nos sujeitos envolvidos nesse discurso. Conforme afirma Machado (2010, p. 133), "O racismo e o preconceito sejam eles velado ou explícitos acabam por empurrar o sujeito negro para as margens da sociedade." A partir dessa perspectiva, pode-se dizer que ambos os preconceitos são desencadeados pela falta de respeito às diferenças, sendo inegável que o preconceito explícito, muitas vezes, acaba por criar situações mais perigosas. Complementando e de acordo com Nunes (2010, p.50), "[...] embora exista a sutileza na discriminação, podemos encontrar também situações em que o racismo deixa de ser sutil e a violência corre a céu aberto". Entre outros autores, este estudo teve seu apoio teórico também nas teorias discursivas sobre poder do discurso com enfoque no racismo, efetuadas por Van Djik (2010). Em suma, há de se convir que mesmo que o preconceito não necessariamente seja assumido em público, ainda está presente nos mais diversos meios, sendo veiculado a partir de discursos visivelmente carregados de ódio ou nas entrelinhas de discursos que se dizem defensores de igualdades, mas que acabam por demonstrar seus caráteres pseudomoralistas.

Palavras-chave: Discurso, Preconceito racista, Sutilezas.